

PETROQUÍMICA SUL-AFRICANA EM APUROS

## Problemas financeiros, e não questões ambientais, forçam Sasol a desistir dos Blocos 16/19 em Moçambique



A petroquímica sul-africana Sasol anunciou no domingo a renúncia da licença de pesquisa nos Blocos 16/19, localizados em águas rasas na costa norte da província de Inhambane (distritos de Govuro, Inhassouro e Vilankulo) e a sul de Sofala (distrito de Machanga), na Bacia Sedimentar de Moçambique.

A gigante sul-africana recebeu a licença em

Junho de 2005, tendo iniciado as pesquisas em águas profundas, mas o gás descoberto num dos furos foi considerado não viável comercialmente. Em Julho de 2013, a empresa abandonou a parte das águas profundas da licença e manteve a avaliação de potencial de hidrocarbonetos em águas rasas.

Foi assim que em Julho de 2019 iniciou um estudo de pré-viabilidade ambiental através



da empresa Golder & Associates, cujo relatório deveria ter sido entregue ao Governo em Setembro do mesmo ano. A sociedade civil, incluindo os agentes económicos do sector do turismo, posicionaram-se contra a exploração de hidrocarbonetos em águas rasas.

Passado quase um ano, a Sasol informou, através de um comunicado divulgado no domingo, que estava a abandonar os Blocos 16/19, alegando razões ambientais. "A sustentabilidade é parte integrante de como a Sasol conduz os seus negócios e é alicerçada no nosso compromisso de cumprir com toda a legislação ambiental e com a realização de qualquer actividade de pesquisa de forma ambientalmente responsável"<sup>1</sup>.

Entretanto, o Centro para Democracia e Desenvolvimento (CDD) sabe que não foram razões de natureza ambiental que levaram a Sasol a desistir dos Blocos 16/19, mas sim problemas financeiros causados pela queda do preço de petróleo no mercado internacional e pelas dívidas acumuladas no âmbito da expansão das suas actividades nos Estados Unidos da América (EUA).

Em Março deste ano, quando o cartel dos

produtores de petróleo (OPEP) falhou um acordo para a redução dos níveis de produção, o preço de crude baixou quase 30%, levando as acções da Sasol a caírem 47% na Bolsa de Valores de Joanesburgo, onde a empresa está cotada. Se em Setembro de 2019 os activos da petroquímica sul-africana eram avaliados em cerca de 200 mil milhões de randes, em Março último o valor da empresa caiu para 30 mil milhões de randes.

Além da queda do preço de petróleo, o avultado investimento em uma fábrica de produtos químicos nos EUA é outra grande fonte dos problemas financeiros. Estimativas indicam que o projecto *Lake Charles Chemicals* custou entre 11 e 14 mil milhões de dólares, tendo sido considerado, em 2012, o maior investimento na história de manufatura do Estado de Louisiana e um dos maiores projectos de investimento directo estrangeiro<sup>2</sup>.

A Sasol teve que se endividar para desenvolver o *Lake Charles Chemical*, um projecto que já é descrito como "elefante branco" devido às estimativas baixas de retorno do investimento feito. Em Janeiro deste ano, o projecto sofreu um incêndio e uma explosão

1 <https://cartamz.com/index.php/politica/item/5542-pressionada-pela-sociedade-civil-sasol-renuncia-a-licenca-dos-blocos-16-19>

2 <https://www.ioi.co.za/business-report/companies/the-making-of-a-huge-corporate-scandal-is-sasols-imminent-fall-engineered-45223895>



numa unidade de produção, situação que levou a empresa a rever em baixa os ganhos<sup>3</sup>.

Neste momento, a Sasol está com uma dívida de cerca de 138 mil milhões de randes e a direcção da empresa já apresentou uma proposta de venda de alguns activos e acções para fazer face aos problemas financeiros. A estratégia para sair da crise inclui ainda a redução da mão-de-obra e o abandono das operações petrolíferas na África Ocidental.

Parte dos activos colocados à venda estão em Moçambique. Recentemente, a Sasol nomeou o banco sul-africano Nedbank para gerenciar a venda da sua participação de 50% na Companhia de Gasoduto da República de Moçambique (ROMPCO, na sigla em inglês), o consórcio que opera o gasoduto que transporta o gás produzido em Moçambique (Inhambane) para África do Sul, num percurso de 865 quilómetros.<sup>4</sup> Além da Sasol, a ROMPCO é detida pela moçambicana Empresa Nacional de Hidrocarbonetos (ENH) e pelo Fundo Central de Energia da África do Sul, (CEF, na sigla em inglês), com 25% cada.

Ainda em Moçambique, a petroquímica sul-africana está a vender a sua participação

de 49% na Central Térmica de Ressano Garcia, a primeira grande central de gás a operar em Moçambique, com capacidade de 175 megawatts. Para esta operação de venda de activos, a Sasol indicou a consultora Deloitte como sua representante.<sup>5</sup> A participação moçambicana na Central Térmica de Ressano Garcia é controlada pela empresa pública Electricidade de Moçambique (EDM), que detém 51%.

Estes dados mostram que não foi por respeito às questões ambientais que a Sasol desistiu dos Blocos 16/19, na Bacia Sedimentar de Moçambique. A grave crise financeira que a empresa enfrenta está na origem da renúncia da licença de pesquisa de hidrocarbonetos em águas rasas.

O Governo sul-africano controla 30.5% da Sasol, através da participação directa do Estado de 8.5%, e indirecta de 22% feita por entidades públicas, nomeadamente a Corporação de Investimento Público – instituição que administra o dinheiro do Fundo de Pensões dos Funcionários do Estado, com 13.5% na petroquímica, e a Corporação de Desenvolvimento Industrial, com 8.5%.

<sup>3</sup> <https://m.engineeringnews.co.za/article/more-bad-news-for-sasols-giant-lake-charles-chemical-plant-2020-01-31>

<sup>4</sup> <https://af.reuters.com/article/investingNews/idAFKBN23X26V-OZABS>

<sup>5</sup> <https://af.reuters.com/article/investingNews/idAFKBN23X26V-OZABS>

COVID-19

# STATE OF EMERGENCY AND HUMAN RIGHTS IN MOZAMBIQUE

COVID-19

# ESTADO DE EMERGÊNCIA E DIREITOS HUMANOS EM MOÇAMBIQUE

Report human rights abuse during the state Of emergency in mozambique

From April the 1<sup>st</sup> to the 30<sup>th</sup>, 2020

**CALL NOW:**  
**87 85 33 330**

WhatsApp

**CDD** CENTRO PARA DEMOCRACIA E DESENVOLVIMENTO **sahrdh**

Respect human rights in Mozambique. Spread the word! COVID-19 An initiative of:

Denuncie os abusos contra os Direitos Humanos em Moçambique

De 01 a 30 de Abril de 2020

**LIGUE JÁ:**  
**87 85 33 330**

WhatsApp

**CDD** CENTRO PARA DEMOCRACIA E DESENVOLVIMENTO **sahrdh**

Respeite os Direitos Humanos na resposta ao COVID-19. Passo a palavra! Uma iniciativa de:

Help respect human rights Mozambique. Spread the word!

Ajude a respeitar os Direitos Humanos em Moçambique. Passe a palavra!



## INFORMAÇÃO EDITORIAL:

**Propriedade:** CDD – Centro para a Democracia e Desenvolvimento  
**Director:** Prof. Adriano Nuvunga  
**Editor:** Emídio Beula  
**Autor:** Emídio Beula

**Equipa Técnica:** Emídio Beula, Agostinho Machava, Ilídio Nhantumbo, Isabel Macamo, Julião Matsinhe, Janato Jr. e Ligia Nkavando  
**Layout:** CDD

**Contacto:**  
 Rua Eça de Queiroz, nº 45, Bairro da Coop, Cidade de Maputo - Moçambique  
 Telefone: 21 41 83 36

**CDD\_moz**  
**E-mail:** info@cddmoz.org  
**Website:** http://www.cddmoz.org

### PARCEIRO PROGRAMÁTICO



### PARCEIROS DE FINANCIAMENTO

